

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROJETO DE EXTENSÃO “A IDADE MÉDIA NA ESCOLA: MULHERES ESCRITORAS DA IDADE
MÉDIA”

Carolina Niedermeier Barreiro

Coordenador: Igor Salomão Teixeira

Vice-coordenador: Vanderlei Machado

O projeto de extensão “A Idade Média na escola: mulheres escritoras da Idade Média” tem por objetivo introduzir a existência de mulheres letradas durante o período medieval aos alunos do Ensino Médio do Colégio de Aplicação, apoiando-se na apresentação da misoginia, da produção cultural e das escritoras propriamente ditas, utilizando o livro *O Espelho das Almas Simples*, de Marguerite Porete (1250/1260-1310) como fonte e base para o trabalho. Justifica-se pela necessidade de dar maior protagonismo à presença feminina na história – pauta fundamental dentro das relações de gênero que se estabelecem no ambiente escolar e social –, bem como pela possibilidade de diálogo entre a universidade e a comunidade local, tão cara ao se refletir para quem servem os saberes acadêmicos em construção.

O projeto teve início com um primeiro momento de escolha e sistematização de fontes e bibliografias a serem utilizadas em conjunto entre os alunos de graduação, o coordenador do projeto e o professor responsável do Colégio de Aplicação – localizado nas mediações do Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Após esta primeira etapa já realizada, haverá a ida efetiva ao colégio, pensada a partir de quatro períodos com turmas de Ensino Médio.

Dentro dos quatro períodos de hora/aula, destacam-se três elementos de abordagem: a misoginia, a heresia e a obra e vida de Marguerite Porete. No primeiro momento, será trabalhada a existência e o papel da Inquisição, pensando suas condenações a partir do conceito de misoginia e da existência de heresias. Para tanto, será trabalhado o “Martelo das Bruxas”¹ como fonte sobre a qual os alunos possam se debruçar e pensar a instrumentalização da misoginia. No segundo momento, será feita uma apresentação da situação geral das mulheres na Idade Média, destacando a heterogeneidade das condições – importante para não reforçar estereótipos – e, em seguida, será feito outro trabalho a partir de fonte – no caso, a própria obra de Marguerite Porete, “O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor”². A avaliação do projeto se dará em duas perspectivas: a apreensão dos alunos a cerca dos conceitos trabalhados em aula, bem como um retorno deles a respeito do projeto, a fim de uma constante atualização e reflexão sobre as atividades de extensão e de ensino.

¹ KRAMER, Heinrich. *O Martelo das Feiticeiras: malleus maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

² PORETE, Marguerite. *O Espelho das Almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Tradução e notas de Sílvia Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

O projeto justifica-se a partir da crescente importância e necessidade de trabalhos que destaquem o papel da mulher na sociedade, invisibilizada tanto pela historiografia moderna dos grandes homens como pelos materiais didáticos do século XX (que, quando não a invisibilizam, trazem uma abordagem limitada de sua atuação e possibilidades de intervenção feminina). Pensando em pautas presentes aos alunos, como o protagonismo feminino e as relações de gênero que perpassam suas relações dentro e fora da escola, importa destacar tanto a misoginia presente na Idade Média – pensada enquanto uma generalização e caracterização negativa da mulher - quanto a desconstrução da perspectiva de passividade feminina confrontando-a à existência de mulheres escritoras. Desta forma, é possível pensar diferentes relações e papéis da mulher não apenas naquele período histórico, bem como seu papel de atuação hoje e as permanências/alterações da misoginia na contemporaneidade. Ainda, possibilita refletir como se deu a produção cultural do período, aspecto importante para os ambientes escolar e universitário envolvidos.

A extensão permite um diálogo de duas vias entre a universidade e a comunidade local: retira-se, assim, a universidade de seu isolamento institucional, cujos saberes ali produzidos restringem-se à circulação entre pares e em quase nada dialogam com a comunidade. O deslocamento exigido obriga a reflexão sobre o que é produzido na academia (para que serve? Para quem serve?), possibilitando frutos positivos a cerca do que se objetiva com a educação. Por outro lado, os saberes populares retomam importância nesse diálogo, ganhando visibilidade e reivindicando a si uma voz de atuação. Nesse sentido relacional entre a universidade e, mais especificamente, a escola, deve-se pensar qual o modelo de educação que se quer propor – se restrito aos velhos paradigmas da modernidade (como discorre Boaventura Santos³) ou se abarcando as exigências de um novo público que ingressa e que exige *existência* dentro da escola: as minorias (sociais, étnicas, de gênero, etc.). Pensando a escola não apenas como reprodutora de uma estrutura social, mas também como capaz de nela interferir e alterar⁴, evidencia-se a importância de pautar as questões das minorias.

Este projeto visa, portanto, dialogar com os estudantes de Ensino Médio do Colégio de Aplicação a respeito da misoginia e das mulheres escritoras medievais, abordando a agência feminina a fim de ressaltar sua existência dentro da história e seu protagonismo. Visa romper, ainda, com a restrição do saber acadêmico aos seus próprios meios através de uma atividade dialógica com a comunidade.

³ SANTOS, B. “Um discurso sobre as Ciências na transição para uma ciência pós-moderna”. Estudos Avançados, São Paulo, v. 2, n. 2, Aug., 1988.

⁴ Ver BRZEZINSKI, I. “Fundamentos Sociológicos, Funções Sociais e Políticas da Escola Reflexiva e Emancipadora: algumas aproximações”. In: *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*. ALARCÃO, I. (Org.). Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.